

Linguística e Semiótica Contemporâneas: A Relação Entre Hjelmslev e Zilberberg

The contemporary linguistics and semiotics: a relation between Hjelmslev and Zilberberg

Letícia Moraes Lima*

* Universidade de São Paulo, USP, São Paulo - SP, 03178-200, e-mail:
lesemiotica@gmail.com

RESUMO: Tivemos como objetivo compreender o papel da teoria hjelmsleviana na concepção da tensividade, uma vertente atual da semiótica discursiva, proposta por Claude Zilberberg. Para isso, retomamos algumas das ideias apresentadas pelo mestre dinamarquês que foram cruciais para o desenvolvimento da teoria do semiótico francês nessas últimas três décadas. Nesse movimento de volta, partimos do modelo de silabação, proposto no *CLG*, a partir dos cursos ministrados por Saussure, até chegar nas contribuições de Hjelmslev, as quais abriram caminho para os estudos da foria e da tensividade. O *corpus* consiste nas principais obras de cada um dos teóricos, entre elas *Le langage* (1966), *Ensaio Linguístico* (1991), *Prolegômenos* (1953), de Hjelmslev, e também *Razão e Poética do sentido* (1988), *Des formes de vie aux valeurs* (2011) e *La structure tensive* (2012), escritas por Zilberberg. Do linguista dinamarquês, Zilberberg aproveita os pares intenso *vs.* extenso e instensivo *vs.* extensivo, o que lhe permite compreender a tensividade como o lugar de encontro entre uma intensidade e uma extensividade, pressuposto central no desenvolvimento de sua teoria. Outro princípio hjelmsleviano tomado emprestado por Zilberberg é o da processualidade, necessário para se possa compreender a continuidade e a gradação das grandezas no campo de presença. Em nossa análise, ficou evidente que há uma relação entre Hjelmslev e Zilberberg, pois essa vertente da semiótica atual continua a visitar os escritos do linguista da glossemática.

PALAVRA-CHAVE: Hjelmslev; Zilberberg; semiótica; tensividade; linguística contemporânea.

ABSTRACT: We aimed to understand the role of the Hjelmslevian theory in the conception of tensivity, a current field of study of discursive semiotics, proposed by Claude Zilberberg. In order to do so, we return to some of the ideas presented by the Danish writer that were crucial to the development of the French semioticist theory in the last three decades. In this movement of the return, we start from the model of syllabication, proposed in the Course in General Linguistics, from the courses taught by Saussure, until arriving at the contributions of Hjelmslev. The corpus consists of the main works of each of the theorists, including *Le langage* (1966), *Ensaio linguístico* (1991), *Prolegomenos* (1953), by Hjelmslev, and *Razão e Poética do Sentido* (1988), *Des formes de vie aux valeurs* (2011) and *La structure tensive* (2012), written by Zilberberg. From the Danish linguist,

Zilberberg takes advantage of the intense vs. extensive concepts, which allows him to understand the tensivity as the meeting place between an intensity and an extensity, central presupposition in the development of his theory. Another principle of Hjelmslev theory borrowed by Zilberberg is that of processuality, necessary to understand the continuity and gradation notion. In our analysis, it became clear that there is a relationship between Hjelmslev and Zilberberg, since the current semiotics continues to revisit the linguist's writings of glossematics.

KEYWORDS: Hjelmslev. Zilberberg; semiotics; tensivity; contemporary linguistics.

O trabalho tem a intenção de retomar alguns dos conceitos da linguística contemporânea propostos por Louis Hjelmslev, a partir da teoria também contemporânea do semiótico Claude Zilberberg, conhecida como a semiótica tensiva, por meio de uma seleção de alguns dos pontos da teoria hjelmsleviana que foram determinantes para a construção da tensividade, tal qual a conhecemos hoje na semiótica. Buscamos, portanto, compreender como essa vertente, denominada de tensiva, na semiótica, desenvolveu suas bases epistemológicas convocando muitos dos princípios teóricos da glossemática, descritos em *Prolegômenos* (1953) e, sobretudo, em *La catégorie des cas* (1935) e *Ensaio Linguístico* (1941)¹ por Louis Hjelmslev, linguista dinamarquês.

É preciso assumir que, no labor das ciências humanas e sociais, olhar para trás é, por vezes, uma tarefa espinhosa, pois aquele que busca na história as causas para os eventos atuais, está sujeito a pincelar somente os pontos específicos que lhe interessam e reconstruir a própria (es)história em percurso excessivamente triado. Esse é um desafio ainda maior no caso da teoria tensiva, na qual muitas das contribuições hjelmslevianas já chegam ao Zilberberg pela triagem do olhar de Greimas. Por outro lado, é também verdade que o próprio Zilberberg irá reler Hjelmslev e de sua obra abstrair muitos outros conceitos importantes, que são conhecidos como o pilar da teoria tensiva, tendo contribuído para a elaboração do modelo de base contínua e gradual da construção do sentido.

Para uma melhor compreensão dos princípios epistemológicos da tensividade, retomaremos a silabação de Saussure, a fim de que possamos esclarecer esse percurso, o da volta, que nos leva de Zilberberg até Hjelmslev. No *CLG*², os discípulos de Saussure,

¹ As datas se referem à publicação original das obras de Hjelmslev.

² *Curso de Linguística Geral*, publicado pela primeira vez em 1916, por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir de anotações de cursos ministrados por Saussure.

a partir dos cursos ministrados pelo linguista, propõem um método de análise estrutural dos fonemas, baseado nas categorias de abertura e fechamento. O mestre genebrino usou, como exemplo, a palavra *appa* e constatou que o primeiro (p) só pode ser realizado por meio do fechamento, enquanto o segundo (p) se abre, em relação ao som anterior, para que seja possível realizar o som vocálico que vem em seguida. Tais movimentos podem ser descritos como (> <); nesse modelo, a abertura é chamada de explosão (<), enquanto o fechamento recebe a denominação de implosão (>). Uma grande sacada saussuriana é a de que os elementos são considerados em sua relação na cadeia falada, isto quer dizer que um elemento pode ser mais ou menos implosivo a depender dos outros elementos que o antecede ou o sucede.

A partir do momento em que a explosão passa a existir, ela automaticamente prevê uma implosão iminente na cadeia e o mesmo pode-se dizer da última; a implosão já é o preparo para uma próxima explosão, a não ser que haja uma interrupção do discurso. Perceba que os elementos internos estão em relação uns com os outros e não existem fora da cadeia. Com Saussure, a partir da abstração realizada mais tarde por Hjelmslev, entendemos que a cadeia pressupõe uma força de abertura e de fechamento, que leva da explosão à implosão e reciprocamente. Força essa que estabelece uma direção e um ritmo³, com suas demarcações e segmentações, como foi observado por Tatit (1997), no livro *Musicando a semiótica: ensaios*.

Uma das maiores contribuições do linguista dinamarquês para a semiótica foi a de retomar o modelo saussuriano de silabação e estendê-lo também ao plano de conteúdo. Como resultado de seu feito, a sílaba do *CLG* passa a ser tida como uma categoria abstrata e portadora de dois planos da linguagem, o conteúdo e a expressão, que contraem, por sua vez, uma relação. Ora, quando Hjelmslev retoma a sílaba em um nível mais abstrato, ele tem as condições necessárias para confirmar a existência de uma paradigmática e de uma sintagmática e também da rede de relações. Nesse quadro, a paradigmática prevê a função de disjunção <<ou...ou>>, enquanto a sintagmática se desenvolve pela função da conjunção <<e...e>> e se desdobra na cadeia. Sobre esses dois eixos, encontramos tal afirmação “*O próprio paradigmático determina o sintagmático, pois, de maneira geral e em princípio, pode-se conceber uma coexistência sem alternância correspondente, mas*

³ Para saber mais sobre esse assunto, consultar: TATIT, Luiz. *Musicando a semiótica: ensaios*, São Paulo: Annablume, 1997, p.18-22.

não o inverso. É por essa função entre o paradigmático e o sintagmático que se explica o seu condicionamento recíproco.” (HJELMSLEV, 1991, p. 168).

Nos chama a atenção nessa passagem dos *Estudos Linguísticos* a percepção que Hjelmslev tem de que o paradigmático rege o sintagmático, em uma relação de coexistência, o que dará ao Zilberberg as direções necessárias para a formulação da tensividade com os eixos da intensidade e da extensidade. O semioticista irá se perguntar como é que as relações do tipo paradigmáticas <<ou...ou>> passam para <<e...e>> e se tornam relações do tipo sintagmáticas. Em sua teoria, é a projeção da paradigmática sobre a sintagmática que dá lugar aos modos, os quais foram concebidos por Saussure, desenvolvidos e expandidos por Greimas e pelo próprio Zilberberg algumas décadas depois. Falaremos adiante nesse artigo sobre os modos na perspectiva da semiótica discursiva.

Tendo em vista os propósitos de Hjelmslev, de estudar a língua em seu nível frasal, ele descreve os tipos de funções no nível da sintagmática. Se a função se dá entre duas categorias no interior de um sintagma, dizemos tratar-se de uma função homossintagmática (ex. os copos). Por outro lado, quando a função se dá entre sintagmas diferentes, chamamo-la de função heterossintagmática (ex. eu lavarei os copos). Essa distinção é importante para nós, porque é a partir da função heterossintagmática que Hjelmslev irá apresentar os expoentes e a noção de direção, considerados o germe para a concepção da foria na teoria semiótica contemporânea. Há evidentemente a pressuposição da função de recção em tais relações, em outras palavras, “movimento lógico e irreversível de um regente a um regido” (HJELSMLEV, 1995, p.165). Dito de outra forma, constatamos a presença de um termo regido e de um termo regente, que implicam necessariamente uma orientação na cadeia, a qual será explorada pela vertente tensiva da semiótica após a década de 80.

Na função heterossintagmática, os expoentes são todos aqueles paradigmas que podem contrair uma função de direção, diferentemente dos constituintes, que não contraem uma direção. Os expoentes são os acentos e as modulações no plano da expressão e, dado à sua própria natureza, eles não se limitam ao interior de um único sintagma. É importante distinguir os expoentes que contraem direção dos que não contraem; eles são ditos convertidos quando nenhum membro do paradigma pode ser dirigido (ex. base do pronome) e se, ao contrário, podem contrair uma direção, eles são

chamados por Hjelmslev de fundamentais (ex. morfema flexional). Temos condições, agora, de fazer a seguinte afirmação: um sintagma é formado pelos expoentes fundamentais.

Tais expoentes, que compõe o sintagma, podem ser intensos, quando se trata dos acentos, na glossemática são os morfemas nominais (ex. sílaba e nome), ou eles podem ser extensos, se são modulações, do tipo morfemas verbais (ex. aspecto, tempo e modo). Hjelmslev observa que são os expoentes extensos que, ao se agruparem e criarem uma nexia - frases que se juntam para formar o período-, contraem uma relação de direção, por exemplo, a relação entre o sujeito e o predicado ou entre o verbo da oração principal e da subordinada. Dizemos, portanto, que os sintagmas podem contrair uma relação de direção, graças a função da recção, ou seja, a atração existente entre os elementos no interior de uma cadeia. Desta forma, considerando que uma grandeza só pode ser definida pelo modo relativo, é necessário darmos conta da “força de relação” prevista na categoria, que se faz presente em toda a cadeia semântica e que será generalizada por Zilberberg na tensividade.

O semioticista tem a consciência de que o sentido só é apreendido por meio das experiências da percepção, sem a qual existência não pode ser concebida. Zilberberg vai generalizar o modelo epistemológico de Hjelmslev, a fim de que possamos compreender a categoria como universal, com aplicação em todos os domínios semióticos, e não mais restrita somente ao domínio da frase. Ele buscará nos pares hjelmslevianos de intenso *vs.* extenso e intensivo *vs.* extensivo a base teórica e a inspiração para o par intensidade *vs.* extensidade, centrais na concepção do ponto de vista tensivo erigido por ele.

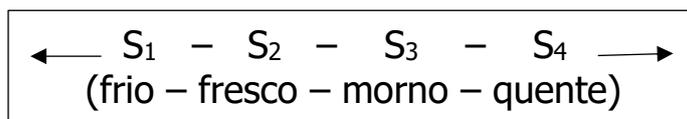
Em Hjelmslev, o par intenso *vs.* extenso é da ordem da sintagmática, o que está em jogo é a relação que se estabelece no interior de uma cadeia. Ele pressupõe que certos elementos tenham um alcance local, enquanto outros sejam globais. No *Categoria dos Casos* (1935), a partir da silabação de Saussure, Hjelmslev prevê que os casos intensos sejam os implosivos e locais, podemos compreendê-los como os conteúdos nominais que agem no interior da cadeia. Por outro lado, os casos extensos são explosivos e globais, ultrapassam os sintagmas que recobrem e requerem um desdobramento na cadeia, como o modo verbal e o aspecto, por exemplo, que não tem atuação pontual em um único sintagma isolado, eles são extensos e alcançam todo o conjunto da frase.

O segundo par, o intensivo *vs.* extensivo, é da ordem da paradigmática, o foco recai sobre a posição ocupada por um elemento no eixo semântico. Em português, o substantivo “homem” pode designar tanto o gênero masculino quanto o feminino. Dessa forma, quando dizemos “os homens são maus”, estamos nos referindo à toda a espécie humana (homens e mulheres), mas se dissermos “as mulheres não são confiáveis”, só estamos autorizados a pressupor que se trata do gênero feminino da espécie humana. Nesses exemplos, o homem é o termo vago e extensivo, ele se estende pelo eixo semântico e a sua significação é expansiva, já a mulher é o termo marcado, dito intensivo, posto que se localiza em uma única posição, dada a sua precisão semântica.

Os casos intensivos e extensivos foram introduzidos a partir dos princípios de participação e de exclusão. No *Résumé* (1975, p.104), Hjelmslev sugere que toda exclusão tenha potencial para ser transformada em uma participação contraditória e vice-versa. Ao contrário do binarismo pregado até então pelos estruturalistas, o linguista praguense introduz a lei da participação, na qual não temos apenas a oposição de A e não-A, mas um A que se opõe à um A + não -A, realizado pelos pares concentrado *vs.* estendido. É graças ao princípio de participação que podemos identificar o valor dos termos pelo ponto de vista extensional. O termo não marcado é extensivo e está apto a receber todas as combinações possíveis, pois ele não guarda uma significação precisa⁴. Tal noção de relação participativa permitirá que Zilberberg atualize o quadrado semiótico e linearize as categorias em um modelo de base contínua.

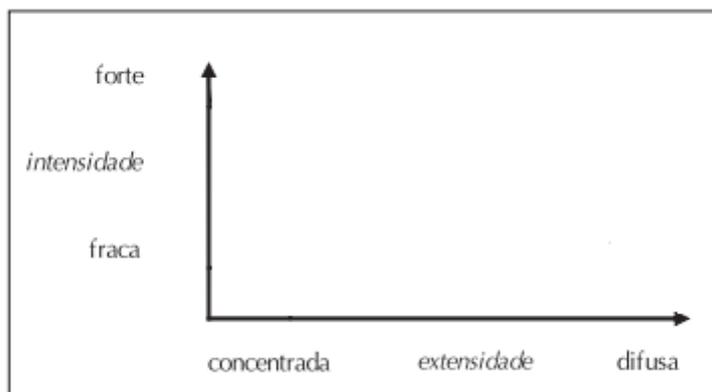
Ao tomar os pares intenso *vs.* extenso e intensivo *vs.* extensivo de Hjelmslev, Zilberberg compreende a tensividade como o lugar de encontro entre uma intensidade e uma extensidade; o espaço tensivo se apresenta como uma hierarquia para as categorias e recebe as representações dos estados e dos acontecimentos provenientes do campo de presença. Compreende-se, em razão disso, a tensividade [S] como a intersecção da intensidade [S1] e da extensidade [S2], ambas definidoras do espaço tensivo. O semiótico retoma o quadrado semiótico discreto de Greimas e o lineariza, colocando em evidência o processo e a gradualidade, como pode ser observado na figura a seguir:

⁴ Ver o capítulo intitulado *Conhecimento de Hjelmslev* em ZILBERBERG, 2004, p. 17-61.



Fonte: adaptado de Zilberberg (2011, p. 229)
Figura 2: A gradualidade tensiva

Tomamos, em consequente, o espaço tensivo em dois pontos de vista diferentes na semiótica: o ponto de vista paradigmático e o ponto de vista sintagmático, cada um deles recebe um eixo. O eixo vertical, representada por uma ordenada, é a intensidade, ele é concebido pelo ponto de vista da paradigmática, onde os estados de alma afetam os sujeitos. Por sua vez, na horizontal, representado pela abcissa, encontramos a extensidade, portadora dos estados das coisas. Em Zilberberg (2007), o eixo da intensidade é regente e o da extensidade regido, condição necessária para que haja a “homogeneidade” entre as subdimensões pertencentes às duas dimensões distintas.



Fonte: adaptado de Zilberberg (2007, p. 15)
Figura 2: Intensidade e extensidade

DE HJELMSLEV A ZILBERBERG: A FORIA

Consideramos que é a direção o traço responsável por diferenciar a intensidade da extensidade, uma vez que somente esta última possui tal capacidade. Na teoria hjelmsleviana, no que diz respeito a oposição sintagmática intenso vs. extenso, são os morfemas verbais, do ponto de vista extenso, que detêm a direção, a qual se estende ao modo, ao tempo e ao aspecto. A influência desse par é notável na oposição intensidade

vs. extensidade, pois na semiótica é previsto que os casos extensivos tenham um alcance global e incidam sobre outros casos, permitindo que a grandeza extensa seja capaz de afirmar uma direção.

Em posse desse pressuposto, Zilberberg dá um passo adiante e concebe a noção de foria, uma força que leva adiante, presente desde o modelo de silabação de Saussure e que possui a capacidade de engendrar a direcionalidade. Nesse modelo, entendemos que na tensividade, os elementos implosivos são aqueles acentuais, que geram a surpresa, enquanto os elementos explosivos são os difusos e modulatórios, mais próximos da resolução. Para o semioticista, portanto, a foria é um esquema contínuo, ligado à prosódia e tido como a própria direção. É verdade que tanto em *Le Langage* (1966) quanto em *Ensaio Linguístico* (1971), Hjelmslev já havia falado explicitamente sobre a direção, no entanto, seus estudos estão limitados ao nível frasal, será Zilberberg o responsável por expandir a direção para o nível do texto.

O semioticista prevê que a foria rege os diversos níveis do percurso gerativo de Greimas e que seria capaz de engendrar o tempo e o espaço, os quais necessitam de tratamentos figurativos para que possam ser identificados por nós. Vejamos como funciona a foria na tensividade: na temporalidade, do ponto de vista da intensidade, temos a espera, um tempo expectante, que aguarda a processualização, como uma forma de retomar o equilíbrio no campo de presença; do ponto de vista da extensidade, a temporalidade age reparando a perda, acrescentando valores de *mais* até que se tenha o necessário.

Tal quantificação subjetiva só é possível porque na tensividade, as grandezas semióticas são concebidas pela gradualidade e não mais pelo discretismo, concedendo a elas não só uma orientação, como também uma profundidade. O valor de uma grandeza é determinado pela associação da intensidade com a extensidade no campo de presença. Nessa lógica, a intensidade é a força presente e a extensidade é a extensão, temporal e espacial, do campo controlado por essa energia. A dimensão da intensidade é um subproduto das subdimensões do andamento e da tonicidade e a extensidade é o produto das subdimensões da temporalidade e da espacialidade. A relação entre elas se dá por uma das duas formas: conversa (quanto mais... mais; quanto menos... menos) ou inversa (quanto mais...menos; quanto menos...mais).

Observe que na espacialidade, como Hjelmslev já havia determinado, os dados intensos agem localmente e os intensivos estão confinados à uma única posição no eixo semântico, de tal forma que do ponto de vista da semiótica tensiva, os valores da intensidade preveem a concentração, o que faz com que todo o espaço em volta seja consumido por essa força e que a intensidade, ao supor a concentração, produza os valores de absoluto. Se por outro lado, temos a difusão, que permitem a existência dos valores de universo, estamos nos referindo à extensidade.

Ao considerar o preceito hjelmsleviano de que somente os elementos extensos são portadores da capacidade inerente de direção, fica clara a preferência da teoria tensiva pela sintagmática, condição necessária para que se pudesse conceber o conceito de foria e o sentido como direcionalidade. Vejamos, a seguir, como a relação entre a paradigmática e a sintagmática dá origem aos modos na semiótica.

DE HJELMSLEV A ZILBERBERG: OS MODOS

Diversas áreas estudaram os modos, cada qual acrescentando as suas contribuições, dentre elas, destacamos a Linguística; Saussure percebeu, ao pensar na relação entre a paradigmática e a sintagmática, que alguns termos se uniam pelo modo *in praesentia* e outros *in absentia*, dito de outra forma, já tínhamos, nesse momento, a base teórica para o que conhecemos como a realização e a virtualização na semiótica. Algumas décadas depois, no *Ensaio de uma teoria dos morfemas*, Hjelmslev (1981), ao falar sobre os modos no verbo, disserta sobre os modos de conceber a realidade: “nos modos, a dimensão mais resistente é a da não-realização/realização [...] e a segunda dimensão é a da realização desejada e sua negação”⁵. A primeira dimensão não é uma novidade, Saussure já havia falado sobre as relações *in praesentia* e *in absentia*, o elemento novo está na importância dada ao poder-fazer ou não-poder-fazer na segunda dimensão. Podemos postular, assim, na concepção dos modos, um eu que pode fazer e um eu que não pode, uma afirmação basilar para a semiótica, uma vez que Zilberberg (2011, p.14) nos lembra que os modos tocam a narrativa porque esta tem como pivô a falta. É a partir

⁵ In: HJELMSLEV, Louis. *Ensaio de uma teoria dos morfemas*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991, p.181.

de tais considerações que será possível pensar na estrutura do acontecimento, que está no cerne da semiótica tensiva.

Vejamos, pois, os três modos semióticos: a eficiência, a existência e a junção. Quando falamos sobre a forma como uma grandeza aparece no campo de presença, estamos no domínio do modo da eficiência. Se a grandeza não for esperada e aparecer de forma abrupta para o sujeito, temos o sobrevir, um dos aspectos que caracteriza o acontecimento. E se, ao contrário, ela for da ordem da espera, então dizemos que ela modaliza o conseguir, mais próximo da constituição do exercício. Assim, na eficiência, o paradigmático [longo vs. breve] convive com o sintagmático [simultaneidade vs. posterioridade] em intersecção. Já o segundo modo é o da existência, que surge da dualidade virtual vs. real e refere-se a como as grandezas entram, saem e voltam ao interior do campo de presença. Da tradição linguística, especialmente com Saussure e Hjelmslev, temos os modos virtualizado (*in absentia*) e realizado (*in praesentia*) ao Greimas incluirá na lista o modo atualizado e, mais tarde, com Fontanille (1993), o modo potencializado.

Para Zilberberg (2007, p.23), o terceiro modo, o da junção, se aproxima da noção de dependência de Hjelmslev, por se estabelecer como o núcleo que define a estrutura. A junção pressupõe os pares implicação vs. concessão; na implicação a lógica é do “se x, então y”, trata-se de uma causalidade; já a concessão tem como emblema o “embora”, “embora x, entretanto não y”. É importante notar a relação participativa implicada aqui; a junção é o elemento complexo da conjunção com a disjunção, noção importante para a semiótica tensiva, que tem interesse nos elementos contínuos, em tudo aquilo que preenche o espaço entre a conjunção e a disjunção.

Esses três modos se relacionam uns com os outros, tomemos, como exemplo, para entender tal relação a noção do acontecimento proposta por Zilberberg. O acontecimento só pode ocorrer por meio de um sincretismo⁶: o sobrevir para o modo de eficiência, a apreensão para o modo de existência e a concessão para o modo de junção. Não há outra forma de pensar o acontecimento, no que lhe concerne à estrutura, que não seja pela intersecção entre a tensão da atualização e da virtualização, do modo de eficiência e do modo de presença, como pode ser observado em:

Fonte: Zilberberg (2007, p. 25)

<i>determinados</i> → <i>determinantes</i> ↓	o exercício ↓	o acontecimento ↓
modo de eficiência →	conseguir	sobrevir
modo de existência →	focalização	apreensão
modo de junção →	implicação	concessão

Figura 3: Os modos do acontecimento e do exercício

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE HJELMSLEV E ZILBERBERG:

Entendemos que a tensividade guarda uma relação cara à Hjelmslev, quando compreende que a variável determina a constante e que a constante rege a variável, em termos tensivos estamos falando do sensível e do inteligível: há uma relação de recção, o sensível é a constante e, em sua posição de regente, rege o inteligível, que está em posição de regido e variável. Falamos que a tensividade é sintagmática, porque considera a extensidade como a grande portadora da direção, o que dá origem à noção de foria, uma espécie de força que leva adiante, capaz de expandir o acento, e que tem como resultado

⁶ ZILBERBERG, Claude. *La structure tensive*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2012. p. 14.

a concepção do sentido como uma direcionalidade. Ora, se a direção estava lá desde Saussure, ela só se tornou evidente em Hjelmslev e foi, então, generalizada com os estudos da tensividade, de Zilberberg.

Por outro lado, a teoria tensiva, ao mesmo tempo, está para a sintagmática muito mais do que para a paradigmática, porque a sua preocupação não é o sistema da língua, e sim as relações que geram o sentido, em termos hjelmslevianos, estamos falando do “processo” e do próprio texto. É claro que Zilberberg, por conta dos objetivos de sua pesquisa, esteve restrito a frase, mas seus postulados foram essenciais para que a teoria tensiva, desde o seu projeto inicial, tivesse como pretensão dar conta do plano de conteúdo e do plano de expressão, incidindo, portanto, também sobre a manifestação.

Também, ressaltamos, que em busca da “constância”, daquilo que se mantém sob as variadas manifestações, a escolha epistemológica de Zilberberg foi o método dedutivo de Hjelmslev; a teoria tensiva parte dos valores (de universo e de absoluto) em direção às cifras tensivas (*mais mais, menos menos, mais menos, menos mais*). Em decorrência disso, parece-nos que o caminho vai das classes até os componentes. Tais cifras tensivas permitem compreender, por exemplo, o ritmo de um texto: o quão rápido ou o quão lento ele é percebido. Certos fenômenos da linguagem só se tornaram possíveis de serem analisados, a partir da gradação, uma vez que a sua principal característica não era a oposição, mas o intervalo presente entre um polo e o outro, “tal escolha leva a conceber, entre [a] e [b], um vão, um intervalo, ocupando-o ou preenchendo-o de alguma maneira” (Zilberberg, 2011, p. 22).

O estudo da gradação na semiótica somente se tornou possível porque Zilberberg considerou o princípio da processualidade hjelmsleviana, visto que ela se relaciona diretamente ao contínuo. A partir disso, Zilberberg pode entender o binarismo como a passagem de um polo ao outro de forma gradual, tendo como mediação um termo neutro. A teoria tensiva é ela mesma uma grandeza contínua; a todo elemento exclusivo, se superpõe um elemento participativo. Ela só pode existir enquanto uma teoria das valências, isto é, uma teoria dos valores dos valores.

Quando nos propusemos a pensar no que há de Hjelmslev em Zilberberg, ficou claro que essa função se estabelecia por uma relação, porque pensando suas teorias como planos, ambas são coexistentes, e não alternantes. Muito embora Hjelmslev não evoque Zilberberg, o mesmo não se pode dizer deste último: a vertente contemporânea da

semiótica, conhecida como tensividade, é até certo ponto, e para usar um único termo, hjelmsleviana. Fica clara a contribuição dos estudos da glossemática do linguista dinarmaquês para a construção de um ponto de vista tensivo nos estudos do engendramento do sentido na semiótica atual.

REFERÊNCIAS

- HJELMSLEV, Louis. *Le langage*. Paris: Minuit, 1966.
- _____. *La catégorie des cas*. Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1972.
- _____. *Ensaio linguísticos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1953].
- FONTANILLE, Jacques. & ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien. FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- TATIT, Luiz. *Musitando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- ZILBERBERG, Claude. *Razão e Poética do Sentido*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: EDUSP, 2006.
- _____. *Louvando o acontecimento*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 13, p. 13-28, jun. 2007.
- _____. *Des formes de vie aux valeurs*. Paris: Puf, 2011.
- _____. *La structure tensive*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2012.

Data de recebimento: 23/10/2017

Data de aprovação: 12/12/2017